Corpo Ciborgue e identidades trans: narrativas sobre a construção do corpo na experiência de mulheres transexuais.

Ana Carolina de Martini Dutra
Universidade Sagrado Coração, Bauru/SP
e-mail: karoldemartini@gmail.com

Florêncio Mariano da Costa Junior
Universidade Sagrado Coração, Bauru/SP
e-mail: mcostajunior@gmail.com

Pôster

Pesquisa em andamento

No processo de elaboração de suas identidades, as transexuais constroem suas identidades a partir das mudanças de aparência e dos modos de vida fundamentados em uma estrutura social normativa. Em uma sociedade polarizada e estatificada em relação ao gênero e a orientação sexual, os artificialmente corpos híbridos, que desconstroem os padrões normativos, são interpretados na cultura como algo nocivo e prejudicial a ordem. (SANTOS, 2012). O corpo e a identidade são, portanto, moldados para atender a requisitos sociais que pretendem viabilizar a adequação destas identidades em um dado espaço social. Este corpo por ser forjado pelas tecnologias, é descrito como corpo ciborgue, que se monta, se recria todos os dias, nas mediações que classificam o seres por gênero. Crian-se desta forma novos seres que compartilham espaços políticos e sociais e lutam pelo acesso ao respeito de suas identidades. Para essas mulheres a trajetória de construção da identidade feminina nos princípios heteronormativos, é permeada por percursos diversificados que implicam em usos de diferentes artefatos biomédicos e tecnológicos negociados com as esferas de poder que diferenciam e localizam homens e mulheres no espaço social.

Nesse cenário de constante negociação o corpo passa a ser antes de tudo, a primeira meta a ser alcançada, antes mesmo da mudança de nome ou do acesso a direitos. Através das transformações corporais, do habitus do

grupo ao qual pertencem, vai surgindo uma nova linguagem, uma nova identidade vai se consolidando e o corpo vai assumindo maior significado, alcançando no que tanto desejam: o corpo feminino. As transexuais por criarem suas identidades em uma via subversiva, são tomadas como sujeitos que se produzem entre o artificial e o natural, um ciborgue que se monta e se remonta utilizando os artefatos tecnológicos que lhe são acessíveis. Com isso essas mulheres, passam a escrever ativamente os textos de seus próprios corpos. (HARAWAY, 1991 aapud JAYME, 2001, p.18). A experiência de ser transexual em um mundo de gêneros binários implica em uma experiência de transição, pois de modo geral há a abdicação da identidade masculina e a construção de uma nova identidade feminina a ser reconhecida e afirmada socialmente. O processo de reconhecimento e afirmação da identidade feminina se insere em um contexto de conflitos existentes nas relações de poder baseada na necessidade de se restringir a identidade que o sexo biológico define. Diante disto, nossa cultura nasce com um olhar em que gênero e corpo são determinações naturais de homem-masculino e o de mulher-feminina. (HARAWAY, 2000).

Neste sentido, pensando nas mulheres transexuais como indivíduos que estão construindo sua identidade por meio de tecnologia de modificação corporal, é que podemos relacioná-los com os pressupostos teóricos de Donna Haraway, que articula leituras sobre o humano forjado por meio de tecnologias – o ciborgue. (HARAWAY, 2000). Esta autora explana a ideia de que ser uma ciborgue não tem a ver simplesmente com a liberdade de se autoconstruir. Tem a ver com redes, termo que ela utiliza para justificar uma conexão entre o homem e a máquina, entre aquilo que o homem produz e entre o que a máquina produz dentro de nós, de quem é feito e de quem passa a ser desfeito.

Desta forma, este projeto propõe a investigação sobre a trajetória de produção do corpo das travestis bem como estas se reconhecem e querem ser reconhecidas, tendo a fotografia e suas narrativas como recurso de captação de imagens e análise interpretativa das narrativas pessoais sobre o processo de construção de seus corpos. O uso da fotografia então, funciona como método aceitando a ideia de que este meio servirá como registro onde a fotografia é uma forma de obter registro que serve como fonte documental, no

caso, do processo de construção do corpo feminino nas travestis. Para isso, serão analisadas as imagens feitas por elas e que sirvam de registro disparados para suas narrativas sobre o processo de construção de seu corpo, ao significado que dão à feminilidade e à construção de suas identidades neste corpo construído por meio de tecnologias e artefatos biomédicos. Assim, a fotografia terá como principal objetivo a atribuição de significado à imagem que cada participante dará às suas próprias fotografias.

Tal pesquisa, que ainda está em andamento, foi dividida em três etapas. Na primeira etapa foi realizada uma entrevista inicial com foco na trajetória de vida das participantes, suas relações familiars, a avaliação e compreensão que tem sobre sua sexualidade e os processos para construção de seu corpo. Na segunda etapa serão produzidos os registros fotográficos que cada uma faz de si, de imagens já existentes em suas redes sociais ou também da produção de novas imagens que representem a sua identidade, seu corpo, sua feminilidade, seu modo de vida. E por último, a terceira etapa será feita uma entrevista de profundidade a partir das imagens escolhidas e/ou produzidas na etapa dois. Neste momento cada participante terá de delimitar as fotografias que serão apresentadas ao pesquisador. Após a escolhas das imagens elas terão de dar legendas para cada imagem, narrando a partir de então, suas experiências, os motivadores para a modificação corporal e o significado que dão a si e a seu corpo, explicando também as razões, os motivos, representações e o porquê de tal registro. Sendo esta etapa uma tentative para compreender a construção de um corpo feminine pelas mulheres transexuais e se isso tem a lume diferentes maneiras de representar o que é ser feminina e consequentemente como tal feminilidade configure as suas identidades.

Serão entrevistadas no mínimo três transexuais, maiores de 18 anos, residents em duas cidades do interior paulista. Para delimitar os contextos de vida das participantes, optamos em recrutar, mulheres transexuais que possuem empregos formais e já estão inseridas no mercado de trabalho. Sendo este critério influenciado pelo fato de as travestis e transexuais serem constantemente vinculadas à prostituição. Para tal início, as primeiras coletas de dados foram realizadas através da pesquisa de campo, desde a procura de contato das mulheres transexuais até a entrevista semiestruturada. Foram concluídas a entrevista piloto e uma entrevista que compõem os dados já

coletados e em momento de transcrição e análise. Outros quatro contatos pessoais mediados por estratégias de bola de neve e outros contatos realizados por meio de redes sociais. As entrevistas concluídas foram feitas com duas mulheres transexuais que contribuíram para avaliar a pertinência do instrumento de coleta a pesquisa sendo possível estar em um contato mais próximo com o mundo trans e o processo de construção do corpo e suas identidades.

Palavras-chave: Transexuais; Feminilidade; Ciborgue; Fotografia, Identidade.

BONI, P. C.; MORESCHI, B. M. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate entográfico.** Doc On-line n.03, dez. 2007, Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf> . Acesso em 23 fev 2014.

TUSSI, F. P. **A travesti e o gênero: o corpo "todo feito" de ambiguidades, especificidades e curiosidades.** Horizontes antropológicos. [online]. 2006, vol . 12, n.26, pp**. Disponível em: <** http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832006000200016>. Acesso em: 15 fev 2014.

NEIVA-SILVA, L; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. **Estudos de Psicologia**, Porto Alegre, v.7; n.2, p.237-250, jul-dez 2002.

MARTINS, José de Douza, **Sociologia da fotografia e da Imagem**, São Paulo: Contexto, 2008.

SONTAG, Susan. **Ensaios sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.
VIOLANTE, M. L. V. Identidade e Marginalidade. In:_____ **Identidade, teoria e pesquisa** – série caderno Puc/SP – São Paulo, EDUC, 1985.

HARAWAY, Donna. **Antropologia Ciborgue: as vertingens do pós-humano.** Organizações e tradução Tomaz Tadeu – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Mimo).

JAYME, J. **Travestis, Transformistas, Drag-queens, Transexuais: Personagem e Máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Tede de Doutorado, Campinas, UNICAMP, 2001 (datilo).

PELUCIO, L. M. **Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo**. Revista ANTHROPOLÒGICAS, ano 8, volume 15(1): 123-154 (2004).